

BETAR & ARTES LETRAS

Os dias da Música

Em Abril, já com cheiro a primavera,
começam a voltar os festivais de música

B
Betar

ENTREVISTA
BARBAS LOPES
ARQUITETOS

Um guia cultural, para que não perca o que interessa ver e ouvir.

A Betar convida-o a visitar o seu website reformulado



www.betar.pt

FICHA TÉCNICA

PROPRIETÁRIO E EDITOR: Grupo BETAR
SEDE: Av. Elias Garcia n.º 53, 2.º Esq. 1000-148 Lisboa
ADMINISTRAÇÃO: José Tiago de Pina Patrício de Mendonça
DIREÇÃO: José Jaime Simões de Mendonça
REDATORA: Cátia Teixeira
DESIGN: Jonas Reker
CONTACTO: arteseletras@betar.pt



Em Abril, já com cheiro a primavera, começam a aparecer os festivais de música. Estão de regresso os sempre magníficos “Dias da Música em Belém” e o também já conhecido “Concerto Por Um Novo Futuro”.

Outro festival imperdível é o IndieLisboa que andou em busca dos melhores filmes do último ano. A 12ª edição do terá como homenageados Mia Hansen-Love e Whit Stillman.

Este mês também não deve perder uma peça do premiado autor e encenador argentino Mariano Pensotti, “El pasado es un animal grotesco”, no Teatro Maria Matos, e um texto de Judith Perrignon sobre Vincent Van Gogh, com encenação de Teresa Faria, no Teatro-Estúdio Mário Viegas.

Uma mostra a não perder, patente na Cordoaria Nacional, dá pelo nome de “Géneseis”. O fotógrafo Sebastião Salgado aventurou-se numa experiência única e o resultado é uma panóplia de imagens de lugares ímpares.

Lá fora, uma mostra com 93 obras de Raoul Dufy, o percurso da artista surrealista Leonora Carrington e uma retrospectiva de Pierre Bonnard são as sugestões deste mês em Madrid, Liverpool e Paris

Quanto ao Porto, as propostas culturais celebram os 15 anos de carreira dos Commedia a la Carte, 52 anos de canções de Paulo de Carvalho e a reativação de uma exposição muito sui generis na Culturgest.

As respostas à entrevista desta edição são dos arq. Patrícia Barbas e Diogo Lopes, do Barbas Lopes Arquitectos, a quem agradecemos a colaboração.

MARIA DO CARMO VIEIRA

‘O dealbar de novas gerações, com novos métodos de trabalho e novas formas de organização resultou num panorama profissional mais diversificado e plural.’

Os arq. **Patrícia Barbas e Diogo Lopes** do Barbas Lopes Arquitectos. Por **Cátia Teixeira**



Teatro Thalia, Lisboa (2012)

Trabalham juntos desde 2003 e têm atelier desde 2006. O que é que vos juntou?

Somos ambos arquitetos, vivemos juntos. O nosso primeiro projeto em parceria, em 2003, foi a remodelação da casa onde vivíamos então. O resto seguiu naturalmente, a partir da cumplicidade conjugal e do reconhecimento mútuo das nossas aptidões complementares. Andámos na mesma faculdade, em Lisboa, mas depois as nossas formações profissionais, a nossa verdadeira aprendizagem como arquitetos foi muito diferente. Onde, o que nos juntou também foram as nossas diferenças. Ganhámos com isso um certo gosto pela diversidade, nos trabalhos e na resposta aos mesmos.

O vosso trabalho está enraizado num compromisso cultural, dão muita importância à economia de meios e os projetos definem-se como simples e pragmáticos. Falem-nos um pouco da forma como encaram a arquitetura.

Encaramos a arquitetura como mais que um serviço burocrático, como mais que um negócio. A arquitetura é uma disciplina, uma forma de conhecimento e de transformação do mundo. Nesse sentido procuramos ter, efetivamente, um compromisso cultural com



© JORGE NOGUEIRA



Casa em Benavente (2005)

o tempo presente e perceber como a arquitetura tem de ser antes de mais um veículo de reflexão sobre a realidade. A simplicidade e o pragmatismo são, do nosso ponto de vista, a expressão certa de uma razão que deve assistir às coisas, e em particular à arquitetura. Parece-nos que esses atributos são a medida justa para os tempos em que vivemos.

Como é a vossa relação com os clientes?

Procuramos que a nossa relação com os clientes – grandes ou pequenos, públicos ou privados – seja conduzida por argumentos racionais e autoridade técnica. Não descartamos a empatia ou mesmo a sedução, mas acima de tudo é a universalidade dos princípios intrínsecos da arquitetura nos quais confiamos como modo de relação com os clientes. São processos que envolvem sempre muita negociação e diálogo. Sem grandes clientes, não há grandes obras mesmo que seja a remodelação da cozinha da avó.

O que é que sentem que mudou na arquitetura em Portugal, desde que começaram a trabalhar?

Antes de mais, a falta de trabalho que se foi fazendo sentir nos últimos anos e que afetou

a maior parte da nossa classe. Obviamente que a arquitetura não acabou em Portugal, como chegou a ser dito, mas vai ficar mais pobre porque é feita para menos e por menos. A falta de concursos públicos e o desinvestimento em programas de habitação de custos controlados são sintomas disso mesmo. Mas também nestes anos assistimos ao dealbar de novas gerações, com novos métodos de trabalho e novas formas de organização. Daqui também resulta um panorama profissional mais diversificado e plural.

A arq. Patrícia colaborou com os arq. Aires Mateus, Gonçalo Byrne, e João Pedro Falcão de Campos. O que é que mais aprendeu com cada um deles?

Com qualquer um deles cresci e aprendi a olhar melhor, da cidade ao parafuso. São arquitetos com abordagens bastante diferentes e, por isso mesmo, foram experiências muito estimulantes que contribuíram para a minha formação e a maneira como encaro a profissão. Com o João Pedro Falcão de Campos, colaboradora ainda enquanto estudante, recuperei a paixão pela disciplina, com o Manuel Aires Mateus, porque também foi meu professor, aprendi a perseverança que

é necessária para levar um projeto avante e, com o Gonçalo Byrne a diplomacia necessária para o conseguir concretizar.

Com Gonçalo Byrne concluíram a requalificação do Teatro Thalia, em Lisboa. Como é que encararam o desafio? Há algum outro projeto que gostassem de destacar?

O desafio de intervir nas ruínas do Teatro Thalia foi saber que tínhamos entre mãos um tesouro esquecido no tempo e saber como reavivar a sua memória e resgatar o que ainda restava dele. É um projeto complexo porque tem situações muito diferentes ao nível espacial e construtivo. Por exemplo, as engenharias tiveram um papel fulcral nomeadamente no conceito para a consolidação da ruína. Quanto a outros projetos há vários, nem todos construídos e alguns puramente de pesquisa. Mas, dada a sua importância para o escritório, destacamos a torre de escritórios que estamos a projetar para a Avenida Fontes Pereira de Melo em Lisboa. É o nosso maior projeto até à data e um imenso desafio técnico e estético à escala da cidade.

Foram nomeados para os Icon Awards 2012, Designs of the Year 2013 e Mies van der Rohe 2013. Como é sentir o vosso trabalho reconhecido e saber que foi nomeado entre tantos?

É gratificante, mas efémero. Tem de haver condições para continuar a produzir por forma a alimentar o interesse que as nomeações ou prémios podem suscitar. Sobretudo numa esfera internacional, que é muito competitiva mas um universo no qual temos interesse em participar para que a nossa arquitetura possa operar num campo expandido de oportunidades e ideias. Na verdade, é uma consequência lógica das circunstâncias em

que vivemos. Procurar um espaço de trabalho para além das fronteiras portuguesas nasce, também, da necessidade de aumentar as probabilidades de encomendas ou outro tipo de trabalho. E as nomeações e prémios ajudam a isso.

Os prémios tiveram efeitos práticos no atelier?

Tiveram, em termos de convites para conferências e concursos. O portfólio do escritório ganhou um outro peso e notoriedade. Os prémios ajudaram ainda a consolidar o nosso currículo para efeitos de ensino, em particular em instituições estrangeiras, que é uma atividade que consideramos essencial para a nossa progressão como arquitetos. Ser professor é um imenso privilégio, por manter vivo um sentido de experimentação e aventura da juventude. Mas, transporta consigo a imensa responsabilidade de formar indivíduos com ferramentas adequadas para exercer esta profissão e através dela terem uma relação responsável com o mundo.

Quando falamos no desenvolvimento da arquitetura portuguesa para o futuro, como vêm a imagem e prestígio internos e externos e quais poderão ser os maiores constrangimentos?

Um dos maiores constrangimentos advém de uma insuficiente leitura dos efeitos desses “prestígios internos e externos” da arquitetura portuguesa. No sentido dos mesmos não se traduzirem necessariamente numa abundância de situações favoráveis. Que seriam inteiramente justas, dada a qualidade de muita produção arquitetónica em Portugal. Este desfasamento decorre dum certo fragilidade – económica, política, social, cultural – do nosso contexto. Temos que participar mais, e de forma mais consciente.

Está em fase de construção, na baixa de Luanda, mais um edifício com assinatura da BETAR. O Museu da Moeda, que se enquadra no projeto de valorização da cidade



A paisagem arquitetónica da baixa de Luanda está a mudar progressivamente com a execução de diversos projetos urbanísticos. O Museu da Moeda, assinado pelo ateliê Costa Lopes Architectos com a participação da BETAR, será mais um marco na cidade. Aprovado pelo Conselho de Ministros, em 2011, enquadra-se no projeto de valorização da cultura angolana. Trata-se de um edifício constituído por um único corpo estrutural, com um piso enterrado ao nível do piso -1 e uma cave técnica ao nível do piso -2. A laje de cobertura constitui o pavimento da praça exterior com acesso exclusivo a peões. A zona nobre do museu encontra-se no piso -1, onde se localizam o espaço expositivo, auditório, gabinetes, instalações sanitárias e estacionamento. A estrutura é em betão armado, implantada numa malha de pilares não regular para que o edifício tenha a maior flexibilidade possível. As paredes da cave foram executadas com recurso à tecnologia de parede moldada ancorada com ancoragens provisórias.

Museu da Moeda, Luanda, Angola

Projeto de Estruturas: **BETAR Estudos**

Arquitetura: **Costa Lopes Architectos**

Ano projeto: **2013/14**

Obra: **em curso**

Área Bruta de Construção: **5.200 m²**

Custo estimado da Obra:

40.000.000 USD

Dono de Obra: **Banco Nacional de Angola**

CINEMA

O IndieLisboa andou em busca dos melhores filmes do último ano, para trazer as propostas mais interessantes. A 12ª edição terá como homenageados Mia Hansen-Love e Whit Stillman



IndieLisboa 2015 Festival Internacional de Cinema Independente

De 23 de Abril a 3 de Maio

Culturgest, Cinema São Jorge, Cinemateca-Portuguesa e Cinema Ideal

O IndieLisboa está de volta! O 12.º Festival Internacional de Cinema Independente, que já conquistou um reconhecimento internacional e firmou a sua posição cimeira no contexto dos festivais nacionais, regressa com os melhores filmes produzidos no último ano. O redesenho das secções para 2015 apresentar-se-á da seguinte forma: Competição Internacional, Competição Nacional, Silvestre, Novíssimos, IndieJúnior, Herói Independente, IndieMusic, Director's Cut e Sessões Especiais.

A edição deste ano terá dois grandes homenageados: os realizadores Mia Hansen-Love e Whit Stillman, que estarão em Lisboa para nos mostrar as suas obras. Assim, é dada ao público, uma vez mais, a oportunidade de descobrir dois cineastas menos conhecidos em Portugal em duas retrospectivas integrais. "The Last Days of Disco" e "Damsels in Distress" são dois dos filmes de Whit Stillman em destaque, e "Après mûre réflexion", "Tout est pardonné", "Le Père de mes Enfants", "Un Amour de Jeunesse" e "Eden" são as obras de Mia Hansen-Love apresentadas no festival.

TEATRO

Em Abril não deve perder um espetáculo do autor e encenador argentino Mariano Pensotti e um texto de Judith Perrignon sobre Vincent Van Gogh, com encenação de Teresa Faria



El pasado es un animal grotesco

O Teatro Maria Matos e a Culturgest apresentam um programa duplo de espetáculos que revela ao público lisboeta o premiado autor e encenador argentino Mariano Pensotti. "El pasado es un animal grotesco" narra a história de quatro personagens ao longo de 10 anos, de 1999 a 2009, tendo como pano de fundo uma Argentina de profundas transformações económicas e sociais. Através de fragmentos breves e intercalados, contam-se as vidas de quatro pessoas de Buenos Aires, dos 25 aos 35 anos, o momento em que deixamos de ser quem achamos que vamos ser e em que nos transformamos em quem realmente somos. Cada história é multiplicada em muitas outras e os quatro atores narram diferentes episódios e situações, dando vida a outras personagens. Uma mega ficção entre a Nouvelle Vague e as narrativas desmesuradas do século XIX.

Teatro Maria Matos

Dias 11 e 12 de Abril

Encenação: Mariano Pensotti

Interpretação: Javier Lorenzo, Maria Ines Sancerni, Santiago Governori e Laura Paredes

O Meu Irmão. Théo e Vincent Van Gogh

Em "O Meu Irmão. Théo e Vincent Van Gogh" celebra-se a genialidade do artista Vincent Van Gogh e explora-se a profunda relação de afeto com seu irmão Théo, a partir de quem, aliás, tudo é perspectivado: o poder da criação, o convívio com o território da loucura, a assustadora luta pela sobrevivência... Mas sobretudo, releva-se a incapacidade de Théo para viver após o suicídio de Vincent: "Eu vivo ali nesse fosso que escavaste entre ti e o mundo... levei toda a vida a tentar unir as pontas. Entre ti e os pais. Entre ti e os outros. Entre nós os dois. E continuo a tentar. Ergo telas. Procuo verdades. Tento montar uma vida que terminou. A tua morte envia as suas acusações à minha procura". Judith Perrignon, que aqui nos apresenta um texto preciso, documentado e intemporal, foi jornalista no Libération, para além de ter escrito ensaios e romances.

Teatro-Estúdio Mário Viegas

De 8 a 18 de Abril

Encenação: Teresa Faria

Interpretação: Sérgio Praia

Co-produção Margarida Mendes Silva e São Luiz Teatro Municipal



Dois festivais e dois concertos em nome próprio são as propostas de Lisboa, em Abril.



Dias da Música em Belém 2015

Dias 24, 25 e 26 de Abril no CCB

FESTIVAL

É com a consciência do enorme poder da música na sétima arte, que o CCB decide dedicar os Dias da Música de 2015 ao tema “Música no Cinema”. Um pretexto para revisitar muitas das músicas apresentadas no grande ecrã, que se tornaram verdadeiros fenómenos de popularidade. Concertos, oficinas, conferências, filmes, artistas, intérpretes e compositores, vão levar-nos numa viagem pela história do cinema através da sua música.



Concerto Por Um Novo Futuro

Dia 9 de Abril no MEO Arena

FESTIVAL

Recorda-se de “Rua do Carmo” (UHF); “Patchouly” (Grupo de Baile); “El Rei D. Sebastião” (José Cid); “Latinamérica” (Jáfu’mega); “Memórias de um beijo” (Trovante); “A queda de um anjo (Delfins); “Sete mares” (Sétima Legião); “Remar remar” (Xutos&Pontapés) e “Sol da Caparica” (Peste e Sida)? Serão apresentados pelos intérpretes originais num concerto solidário que conta ainda com os Corvos e Cuca Roseta.



Capicua

Dia 16 de Abril no Lux Frágil

CONCERTO

O nome pode soar a novo mas Capicua é um segredo que o Hip Hop português guarda há demasiado tempo, concretamente desde meados da década de 90. Depois de várias colaborações em projetos de conceituados Dj’s e produtores nacionais, Capicua confirmou o seu percurso em 2012 com o single “Maria Capaz”. Este mês vem a Lisboa apresentar o seu novo trabalho: “Medusa”. A festa é garantida!



Scott Matthew

Dia 20 de Abril no Cinema São Jorge

CONCERTO

Scott Matthew prepara-se para mostrar a Portugal a sua mais recente criação: “This Here Defeat”, o seu quinto álbum. O público português já não considera Scott Matthew um estranho, sobretudo por causa da colaboração em alguns temas de Rodrigo Leão. Agora vamos poder mergulhar no material do seu novo álbum e constatar a imensidão da sua voz, e o seu valor artístico, num espetáculo arrebatador.



Concertos em abril

por António Cabral

Em Abril voltamos a ter Ópera, o que satisfaz muito quem gosta. É um género caro e andou bastante fora dos programas nestes últimos quatro anos.

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

8/4 às 20 horas (Grande Auditório)

Representação da ópera “Le pré aux clercs” (1833) do francês Ferdinand Hérold (1791-1833). Não se pode dizer que seja muito conhecido. Um dos livros que tenho, “Mil e uma Óperas”, destaca-lhe esta e outra, designada “Zampa”, ou “Lá fiancée de marbre” (1831). Hérold é também autor da música do bailado “La fille mal gardée” (1828) que ainda hoje faz parte do repertório das companhias de ballet clássico. Esta ópera é baseada num livro de Prosper Mérimée (o mesmo da “Carmen”, de Bizet). Coro e Orquestra Gulbenkian; solistas internacionais do nível a que a Gulbenkian nos habitua e direção cénica de Eric Ruf. Maestro Paul McCreech.

11/4 às 19 horas (Grande Auditório)

A oratória “Gioas, Re Di Giuda”, de Pedro António Avondano, português, filho de italiano, músico da corte de D. José I. Ensemble e coro “Divino Sospiro” dirigido por Massimo Mazzeo. Solistas estrangeiros e os muito bons portugueses: Ana Quintans (s.) e Fernando Guimarães (t.). O reinado de D. José I foi importante para a história da música em Portugal. Aconselho que os melómanos não falem.

16/4 às 21 horas e 17/4 às 19 horas (Grande Auditório)

Orquestra Gulbenkian, maestro Paul McCreech, soprano Annette Dasch. No programa Delius, Berlioz (uma das suas obras-primas: “Les nuits d’été” para soprano e orquestra) e a Sinfonia nº 5 de Dvorak.

25/4 às 17,30 horas (Grande Auditório)

Transmissão da temporada de ópera do MET de



Nova Iorque. Neste dia teremos “Cavalleria Rusticana” de Pietro Mascagni e “Pagliacci” de R. Leoncavallo. Duas óperas celeberrimas do repertório operístico. Quem não as

conhece não deve perder. A qualidade do MET é sempre a excelência.

CENTRO CULTURAL DE BELÉM

3/4 às 17 horas e 4/4 às 21 horas (Pequeno Auditório)

A ópera “Banksters” de Nuno Corte Real, com libretto de Vasco Graça Moura, escrita a partir de uma peça de José Régio, estreada no S. Carlos em 2011. Aqui será uma versão, chamemos-lhe, de câmara. Ensemble Darcos e bons solistas nacionais dirigidos pelo autor.

5/4 às 17 horas (Grande Auditório)

“As sete últimas palavras de Cristo na Cruz” (1785) de J. Haydn, já apresentada em Março, em versão de câmara, agora tem versão sinfónica. Solistas, Coro Lisboa Cantat e Orquestra Metropolitana de Lisboa. Dir. Theodor Guschlbauer. Trata-se de uma obra de grande qualidade e religiosidade, bem adequada à quadra Pascal.

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

10/4 às 21horas, 12/4 às 16 horas, 17/4 às 21horas, e 19/4 às 16 horas

Ciclo de concertos com a Orquestra Sinfónica Nacional, o coro do Teatro de S. Carlos e o pianista espanhol Joaquín Achúcarro. Maestro Joana Carneiro. Os programas, muito baseados no repertório romântico, têm também obras de Fauré, Stravinsky e Ravel. A novidade é a primeira audição de uma obra de Eurico Carpatoso para coro feminino e orquestra.

ARTES

Sebastião Salgado aventurou-se numa experiência única e o resultado é uma panóplia de imagens de lugares ímpares. Uma mostra a não perder, em Lisboa, a partir deste mês

Cordoaria Nacional

Génesis: Sebastião Salgado

De 8 de Abril a 2 de Agosto

Nesta exposição, um dos mais importantes fotógrafos da atualidade faz uma aproximação às origens do planeta. Sebastião Salgado viajou durante oito anos, por mais de três dezenas de lugares, para concretizar o projeto Génesis, do qual também fazem parte um livro e um documentário. Este grande trabalho do fotógrafo brasileiro inclui 245 imagens, captadas nos lugares mais recônditos e desconhecidos da Terra, entre 2004 e 2011, na tentativa de demonstrar que ainda existe “um planeta puro, grande e majestoso”. Para além da descoberta de lugares que permanecem intocados ou quase desconhecidos, a jornada levada a cabo por Salgado permitiu-lhe captar a natureza, e a relação do homem com ela, no seu estado mais puro, do Amazonas à Nova Guiné.

Desde que foi inaugurada em Abril de 2013, no The Natural History Museum, em Londres, esta mostra já foi vista por quase dois milhões de pessoas.



CCB

Paisagem como arquitetura

De 21 de Abril a 19 de Julho

Esta mostra parte das colaborações entre os arquitetos Paulo David e João Gomes da Silva e pretende explorar as diferentes formas como a paisagem se desenvolve enquanto lugar construído pela arquitetura. Ao lugar espontâneo, criado pelo tempo e pelas forças terrenas imprevisíveis, contrapõe-se uma outra espécie de lugar cuja origem é o engenho humano e a sua capacidade de fazer paisagem e dar origem ao novo. O objetivo é explorar o modo como a paisagem é palco do confronto humano com a história e com a natureza e como expressa a necessidade humana de ordenar o mundo e o desejo de construir o futuro. Esta exposição quer assumir-se como plataforma de reflexão e debate de importantes conceitos como paisagem, construção, história, biografia, desejo na sua relação com as diferentes modalidades do exercício contemporâneo da arquitetura.

PORTO

Celebramos os 15 anos de carreira dos Commedia a la Carte, 52 anos de canções de Paulo de Carvalho e a reativação de uma exposição muito *sui generis* na Culturgest

teatro



Commedia a la Carte, 15 anos

Dia 30 de Abril, no Coliseu do Porto

A celebrarem 15 anos de carreira, os atores Carlos M. Cunha, César Mourão e Ricardo Peres continuam a oferecer um verdadeiro menu de humor. Com um espetáculo que designam de “Improve Comedy”, os Commedia a la Carte criam as suas rúbulas a partir do que lhes é proposto pelo público. Desta vez, o palco é o Coliseu do Porto. Segundo eles, há três motivos para atuar num coliseu: ser estrangeiro; o espetáculo ter tanta gente que não cabe noutra teatro; ou a comemoração de uma efeméride. Afirmam que é a terceira. Muito improvisado e diversão não vão faltar.

música



Paulo de Carvalho

Dia 10 de Abril, no Coliseu Porto

A viver uma excelente fase criativa, Paulo de Carvalho pisará o palco do Coliseu do Porto para um espetáculo único onde celebra 52 anos de canções. Com uma voz plena de personalidade e um timbre singular, o artista confere a todas as suas músicas um cunho próprio, o que o leva a descobrir e a cruzar géneros e influências musicais. “E Depois do Adeus”, “Os Meninos do Huambo”, “10 Anos”, “Gostava de Vos Ver Aqui”, “O Meu Mundo Inteiro”, “Nini dos Meus 15 Anos”, “Mãe Negra” - são alguns dos temas revisitados neste espetáculo.

artes



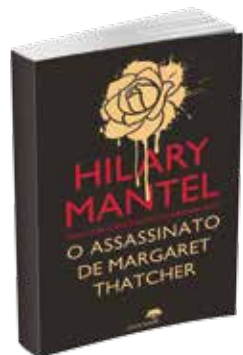
Pinceladas de celulóide: uma antologia da percepção fílmica do artista de 1942 até hoje

Até 24 de Abril, na Culturgest Porto

A Culturgest reativa uma exposição muito *sui generis*, organizada em 2011, em Bruxelas, e que nos dois anos seguintes fez um périplo por Berlim, Roterdão e Nova Iorque. Trata-se de uma exposição com cartazes encomendados a cerca de setenta artistas, que toam como inspiração e referência os mais diversos filmes acerca da vida e da obra de artistas famosos ou fictícios, desde filmes raramente vistos, até produções de Hollywood, passando por filmes de autor e por outros feitos por artistas.

LIVROS

Uma coletânea de contos da premiada autora britânica Hilary Mantel e possivelmente o melhor romance do escritor chileno Robert Bolaño são os destaques dos livros deste mês



Hilary Mantel

O Assassinato de Margaret Thatcher

Hilary Mantel é uma das escritoras mais aclamadas da atualidade. Nestes dez contos, revigorantemente subversivos, os seus dons de observação e caracterização elevam-se ao mais alto nível, invocando os dramas tantas vezes escondidos atrás das fachadas do quotidiano. Quer situadas num apartamento claustrofóbico na Arábia Saudita ou numa perigosa estrada de montanha na Grécia, estas histórias lançam um olhar sobre os recantos mais sombrios do espírito humano. Plenas de um inconfundível estilo e perspicácia, revelam uma grande escritora no auge do seu talento. Uma coletânea de contos brilhante da autora duas vezes distinguida com o Man Booker Prize, com as obras “Wolf Hall” e o “Livro Negro”, uma proeza sem precedentes.

Robert Bolaño

Noturno Chileno

O chileno Sebastián Urrutia Lacroix, padre e crítico literário, membro da Opus Dei e poeta medíocre, recorda, numa noite de febre alta, os momentos mais importantes da sua vida, convencido de que vai morrer. Assim, aparecem os sinistros senhores Oido e Odeim, que o recrutam para dar aulas de marxismo ao general Pinochet, Ernst Jünger, para as festas de María Canales, uma mulher misteriosa em cuja mansão se reúne a nata da cultura chilena em serões artísticos, ao mesmo tempo que na cave se desenrolam acontecimentos dignos de filme de um terror. Segundo a crítica, este é possivelmente o seu melhor romance, um desses raros e autênticos prodígios. Um romance contemporâneo, imprescindível e arrepiante em que o talento de Bolaño brilha em todo o seu esplendor.

LÁFORA

Uma mostra de Raoul Dufy, o percurso da artista surrealista Leonora Carrington e uma retrospectiva de Pierre Bonnard são as propostas deste mês em Madrid, Liverpool e Paris



Thyssen-Bornemisza, Madrid

Raoul Dufy

Até 17 de Maio

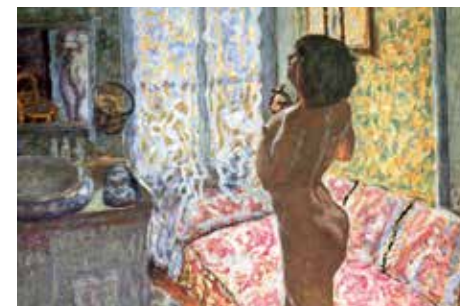
Madrid recebe a primeira grande retrospectiva de Raoul Dufy desde 1989. A exposição oferece uma visão geral da trajetória do artista francês, através de 93 obras entre pinturas a óleo, desenhos, aquarelas e peças em tecido e cerâmicas, realizadas ao longo da carreira de mais de meio século. A mostra está organizada de forma cronológica, desde os primeiros passos no fauvismo e impressionismo; passando pelo momento em que a sua pintura se aproxima do cubismo; até às criações relacionadas com a impressão têxtil e cerâmica.

Tate Liverpool

Leonora Carrington

Até 31 de Maio

Por norma, quando se discutem nomes do Surrealismo vêm à memória Salvador Dalí, René Magritte, Joan Miró, Marcel Duchamp... Geralmente, todos os nomes são masculinos, sendo a exceção mais frequente a de Frida Kahlo. No entanto, isso não significa que ela foi a única mulher surrealista com talento. Esta exposição sobre Leonora Carrington é um bom lembrete do calibre de mulheres que trabalharam este género artístico. Leonora Carrington começou a sua carreira com um dos mais famosos surrealistas, Max Ernst, e foi uma das mais importantes artistas do movimento.



Museu d'Orsay, Paris

Pierre Bonnard

Até 18 de Julho

Esta exposição dedica a Pierre Bonnard uma retrospectiva de todos os períodos da sua criação artística. Através da pintura, do desenho, da gravura, da escultura, e da fotografia, Bonnard defendeu uma estética essencialmente decorativa, alimentada por observações humorísticas. O trabalho de Bonnard revela-nos um artista intuitivo e sensível e a sua paleta de cores vivas e brilhantes tornou-o um dos artistas-chave da arte moderna.



Betar

**DESDE 1973 NA VANGUARDA
DA ENGENHARIA**

**ALGUNS TRABALHOS
CONJUNTOS COM
O BARBAS LOPES
ARQUITETOS**

FPM 41, LISBOA (2014)